



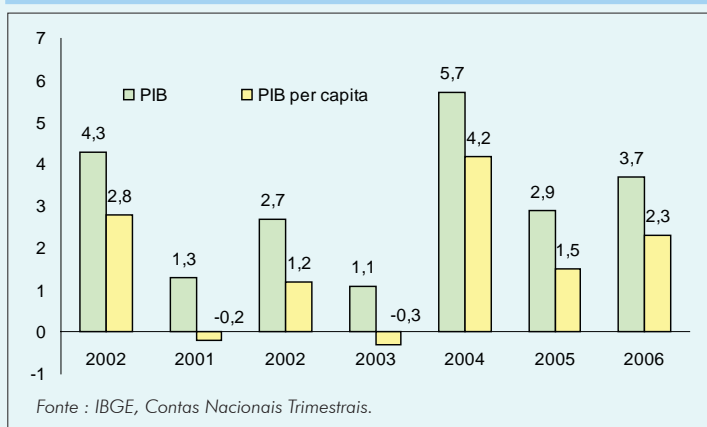
## PIB - Produto Interno Bruto

O PIB a preços de mercado acumulado no ano de 2006, apresentou crescimento de 3,7% em relação ao ano de 2005.

O PIB per capita, outro importante indicador econômico, teve um crescimento real de 2,3% em 2006 conforme é apresentado no gráfico 1.

Gráfico 1

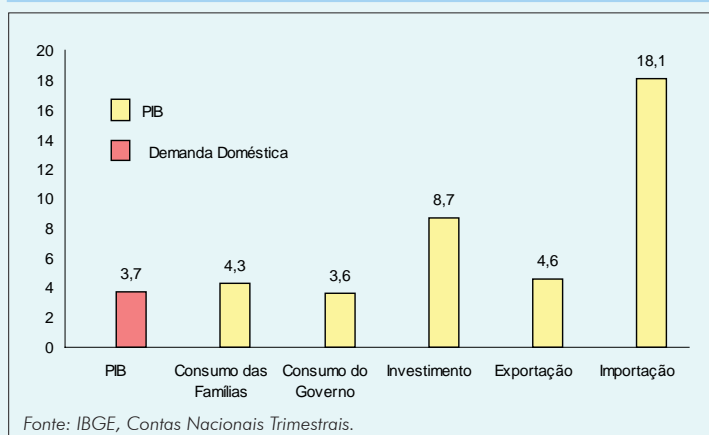
### PIB e PIB per capita - Taxa de Crescimento (%)



Esta taxa anual positiva do PIB foi influenciada fundamentalmente pelo comportamento expansionista da demanda doméstica<sup>1</sup>. A demanda interna foi impulsionada pelo aumento do consumo privado, do consumo do governo e do investimento, os quais tiveram um aumento de 4,3%, 3,6% e 8,7%, respectivamente. Vale destacar que o crescimento do investimento foi ocasionado principalmente pelo dinamismo no segmento de máquinas conforme apresentado no gráfico 2 a seguir.

Gráfico 2

### PIB a preços de mercado e Demanda Doméstica Taxa acumulada ao longo do ano (%) (variação em volume em relação ao mesmo período do ano anterior)



Por outro lado, as exportações líquidas – o saldo entre exportações e importações –, contribuiu negativamente para o crescimento da economia em 2006. Isso porque em 2006, as exportações cresceram 4,6%, ao passo que as importações apresentaram uma aceleração de 18,1%.

No que diz respeito aos setores produtivos da economia, a agropecuária e a indústria apresentaram crescimento acima da média da economia. O setor agropecuário cresceu 4,1% com relação a 2005, o que demonstra um movimento de recuperação, graças ao desempenho favorável da cana-de-açúcar, da celulose e do fumo.

O resultado da indústria no PIB de 2006 (crescimento de 2,8%) é reflexo principalmente da atividade de extração mineral, com destaque para a extração do petróleo, gás e minério de ferro.

Com relação ao setor de serviços, este cresceu 3,7% em 2006, devido às movimentações positivas dos subsectores de intermediação financeira e comércio atacadista e varejista.

<sup>1</sup> A demanda doméstica constitui tudo aquilo que é demandado pelos agentes econômicos do país, ou seja, o consumo das famílias, o consumo do governo, os investimentos e o saldo entre exportações e importações.

Para o ano de 2007, as perspectivas para o nível de atividade econômica são boas, principalmente em decorrência do anúncio do PAC. Pelas suas projeções, em 2007, o PIB deve apresentar um crescimento de 4,5%, sustentado principalmente por aumento das taxas de investimento, especialmente nos setores de infra-estrutura.



## Mercado de Trabalho

### Taxa de Desemprego

Segundo o IBGE, de acordo com o que é mostrado no gráfico 3, a taxa de desemprego foi estimada em 10,1% em março de 2007, o que pode ser considerado um resultado estável na comparação com o mesmo mês do ano anterior (10,4%). No trimestre, a taxa de desemprego média alcançou 9,8%, representando também uma estabilidade com relação à taxa média do mesmo período de 2006 (9,7%).

Fazendo-se uma análise regional, verifica-se uma movimentação apenas na região metropolitana de São Paulo, que passou de 10,6% para 11,5%. Nas demais áreas, de acordo com IBGE, o comportamento foi estável. A situação de São Paulo é bastante preocupante, dado que tem um grande peso na indústria nacional e no mercado de trabalho. Segundo o IBGE, este aumento da taxa de desemprego em São Paulo, de fevereiro para março, reduz as expectativas de redução do nível de desemprego e aumento de contratação no segundo trimestre do ano. Mas, ainda existe a possibilidade de este aumento do nível de desemprego ser conseqüência do aumento de pessoas em busca de emprego.

Realizando-se uma comparação com março de 2006, duas regiões apresentaram recuo: Recife, em que o nível de desocupação passou de 16,5% para 12%, e Rio de Janeiro, que observou uma queda de 8,5% para 7,4%, conforme apresentado no gráfico 4, ao lado.

Segundo o IBGE, ainda é cedo para traçar um panorama de como será o comportamento da taxa de desemprego no ano de 2007. Mas é possível ser otimista, dado que o efeito da redução de juros ainda não se propagou totalmente no mercado de trabalho. Além disso, esse fenômeno de alta do desemprego ocorreu num período do ano em que a atividade econômica ainda não deslançou por completo, de forma que o mercado ainda não está gerando vagas o suficiente para cobrir a procura, o que poderá ocorrer ao longo do ano de 2007.

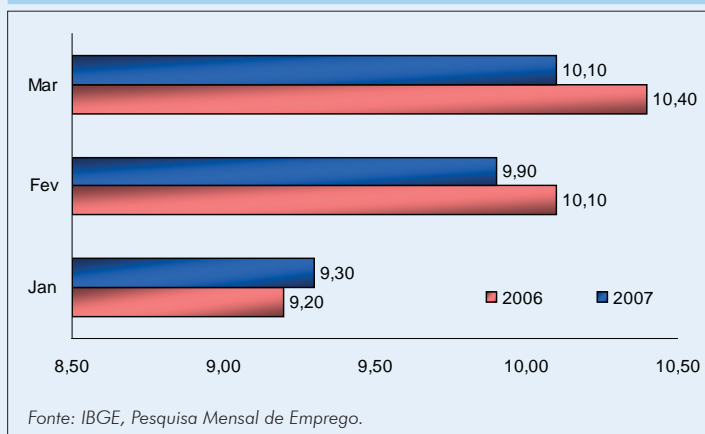
### Massa de Rendimento Real Efetivo

De acordo com o gráfico 5 ao lado, a massa salarial real dos trabalhadores ocupados nas seis principais regiões metropolitanas do país atingiu em março deste ano o montante de R\$ 22,5 bilhões, o que representou queda em relação a fevereiro (0,4%) e um acréscimo de 7,1% na comparação com março de 2006.

Dada a expectativa de aceleração do PIB e de manutenção da inflação sob controle, os

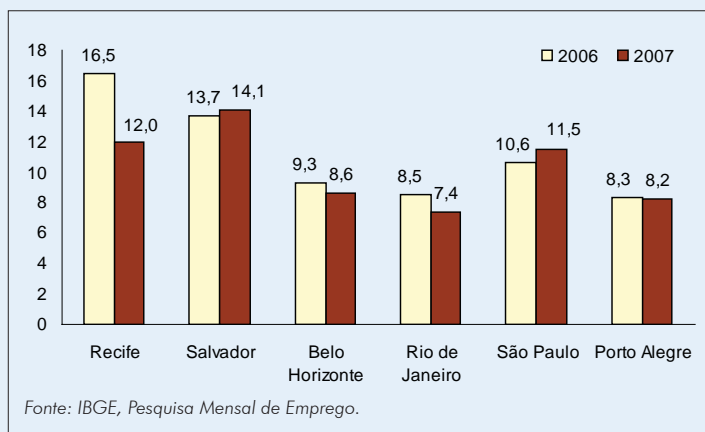
Taxa de Desemprego (%) - 1º Tri 2006 x 1º Tri 2007

Gráfico 3



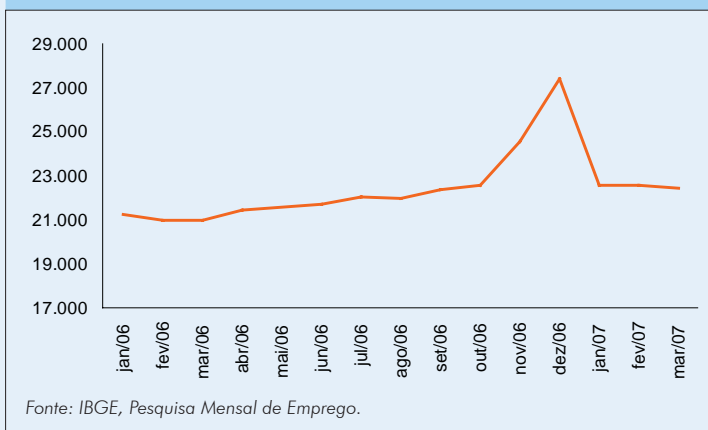
Taxa de Desemprego por Região Metropolitana (%) - Março/2007

Gráfico 4



Evolução da Massa de Rendimento Real Efetivo (R\$ Milhões) 2006/2007

Gráfico 5



rendimentos médios reais do trabalho devem prosseguir coma trajetória de recuperação em 2007. Segundo o IPEA, em 2007 é possível que a média dos rendimentos reais volte aos patamares de 2002, recompondo a perda ocorrida em 2003.



## Inflação

O Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) registrou queda na sua taxa acumulada ao ano pela quarta vez consecutiva, mantendo-se abaixo da meta estabelecida pelo Conselho Monetário Nacional (CMN). Este resultado influenciou tanto os preços administrados como os preços livres, gerando um movimento conjunto de desaceleração.

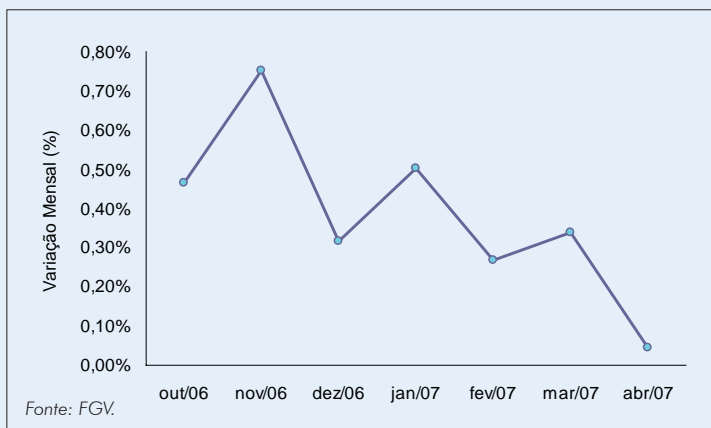
Se for feita uma comparação com o mesmo mês no ano anterior, entretanto, é possível perceber que houve uma desaceleração de 1,1 pontos percentuais nas taxas de reajustes das mensalidades escolares. Também houve mudança nos preços dos alimentos: as chuvas ocorridas nas regiões Sudeste e Centro-Oeste afetaram as lavouras, acarretando um aumento de 14,5% nos preços das hortaliças e verduras. A alta destes itens anulou os efeitos de baixa dentro do grupo, originados da deflação dos cereais (-2,4%) e das carnes (-1,25%). Pode-se concluir, portanto, que este crescimento dos preços dos alimentos e os reajustes de alimentação fora do domicílio podem ser apontados como os principais responsáveis pelo incremento de 0,76 pontos percentuais dos preços de não comercializáveis em fevereiro. Também se observam aumentos dos itens condomínio e empregada doméstica, que assim, contribuíram positivamente para a aceleração deste grupo.

Os preços de bens e serviços não comercializáveis, entretanto, mais do que dobraram em janeiro. Esta alta não é só justificada pelo aumento de preços de verduras, frutas e legumes, mas também pela pressão sazonal do grupo educação, cujos reajustes se concentram nos dois primeiros meses do ano.

O IGP-M é o indicador usado no reajuste das tarifas de energia e da maioria dos contratos de aluguel, por isto, é bastante necessário mostrar a sua evolução ao longo do primeiro trimestre do ano. Conforme se pode observar no gráfico 6 a seguir, é possível fazer uma análise comparativa do último trimestre do ano 2006 com o primeiro trimestre de 2007. A conclusão a que se chega é que este ano tem registrado uma baixa deste índice, se comparado às taxas do ano passado. Analisando-se o último trimestre de 2006, observa-se que houve uma elevação de 0,47% no mês de outubro, devido ao avanço de preços no atacado. Já em novembro, este índice registrou a maior alta do ano desde janeiro, subindo para 0,75% (igual ao mês de junho) refletindo a pressão dos preços dos alimentos. Em dezembro, foi registrada uma deflação, atingindo uma taxa de 0,32%, marcado pela valorização do real. Logo no início do ano, em janeiro, observa-se uma elevação de 0,50%,

resultado principalmente de uma alta dos alimentos, fato muito comum para início de ano. Em fevereiro, este índice caiu para 0,27%. A maior explicação para esta queda reside na queda de preços dos Bens de Consumo Finais. Março registrou uma taxa de 0,33%, um pouco acima do observado em fevereiro, justificada por um aumento dos preços dos alimentos. Esta alta já era esperada dado que os preços dos alimentos costumam subir fortemente no início do ano por causa do período de chuvas. Por fim, tem-se o registro de abril, que foi de 0,04%, taxa esta que ficou dentro da faixa esperada para o mês. Esta foi a menor taxa deste tipo de indicador desde abril do ano passado. Uma das justificativas foi a queda do preço dos alimentos neste mês.

Gráfico 6 **Evolução do IGPM de outubro de 2006 a abril de 2007**



Quando ao Índice de Preços por Atacado (IPA), ele variou 0,33% em março de 2007. No índice relativo aos Bens Finais, em março, o grupo mostrou alta de 0,63% em abril.

No que diz respeito aos preços de varejo, observa-se um recuo nas primeiras semanas de fevereiro. Esta redução só não foi observada nos transportes e nas despesas pessoais.

Assim como no varejo, os preços por atacado no início do ano, também foram marcados pelos aumentos dos produtos agrícolas.

O cenário inflacionário esperado para 2007 é de relativa tranquilidade, já que não está previsto nenhum fator de pressão para o restante do ano. Tal como em 2006, os preços administrados devem permanecer próximos a 4,0%, beneficiados pela estabilidade da cotação internacional do petróleo, o que afasta a necessidade de aumentos nos combustíveis. Além disso, a manutenção da taxa de câmbio nos níveis atuais continuaria a desempenhar um papel de agente redutor de pressões sobre preços comercializáveis. A própria dinâmica da

inflação em 2006 tende a gerar efeitos positivos sobre o cenário de 2007, pois ajuda a reduzir a parcela de inércia inflacionária existente na formação de preços, sobretudo dos bens e serviços não comercializáveis



## Crédito e Juros

Segundo o Bacen, em março de 2007, a taxa de crescimento real do volume total de crédito da economia atingiu 18,5% com relação ao mesmo mês de 2006. Este comportamento registrado neste ano deve-se tanto ao crescimento do crédito para pessoas jurídicas (16,2%) quanto para pessoas físicas (19,1%).

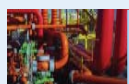
Com relação às modalidades, o crédito consignado encerrou o mês com um acréscimo real de 44,3% em relação à março de 2006. Esta modalidade de empréstimo já representa 55,4% das operações de crédito pessoal. Vale destacar que esta expansão dos empréstimos em consignação em folha de pagamento deve-se às menores taxas de juros cobradas neste segmento (32,4% ao ano), uma vez que há a garantia da vinculação direta do salário futuro do tomador do empréstimo.

Por setor de atividade econômica, os empréstimos registraram aumentos significativos, em termos de volume, na comparação com março de 2006: o crédito para industrial cresceu 21,1%, o setor rural registrou aumento de 18,2% e o comércio teve alta 16,9%. Segundo a Febraban, o financiamento imobiliário também merece destaque, pois continua em ritmo de forte expansão, ao registrar crescimento de 23,9% em termos anuais.

Com relação às taxas de juros de empréstimos, estas continuam registrando tendência de queda, acompanhando a redução da taxa básica de juros – a Selic. Em março de 2007, a taxa de juros média das operações de crédito no Sistema Financeiro foi de 38,5%, o que representa uma redução de 7,2 pontos percentuais com relação a março de 2006.

A Selic, por sua vez, foi reduzida 0,5 ponto percentual em abril de 2007 e está fixada em 12,50% ao ano. Grande parte dos agentes econômicos mantém a perspectiva de queda da taxa básica de juros da economia durante o ano de 2007, dada as condições do cenário externo e o ritmo da atividade econômica do país.

Mantida a trajetória de redução da Selic neste ano, o crédito, por sua vez, tende a se beneficiar também, gerando aumento de confiança tanto por parte dos tomadores de empréstimos como para os credores. Portanto, no ano de 2007, não apenas o volume de crédito deverá se expandir, como as taxas se reduzirão e os prazos para pagamentos poderão se ampliar, melhorando assim, a qualidade de crédito do país.



## Atividade Industrial

A atividade industrial mostrou um resultado positivo no primeiro trimestre do ano de 2007, tanto na comparação com o mesmo período do ano anterior (3,8%), quanto na comparação com o último trimestre do ano anterior (1,2%), na série ajustada sazonalmente.

Em março de 2007, a produção industrial variou 1,2% na série com ajuste sazonal. A taxa anualizada, indicador acumulado nos últimos doze meses (2,7%), praticamente repete o resultado de fevereiro (2,8%).

Este aumento de fevereiro para março (1,2%) mantém uma seqüência de seis resultados positivos consecutivos numa série histórica. Levando em conta os setores industriais, pode-se dizer que houve um crescimento em 15 das 23 atividades pesquisadas. A principal delas foi o setor de veículos automotores (6,0%), seguida pelo setor de máquinas e equipamentos (4,2%) e, então, pelo refino de petróleo e produção do álcool (2,3%). Vale ressaltar, que também houve setores caracterizados por resultados negativos, como a indústria farmacêutica (que recuou 8,8%).

Em índices por categorias de uso, o setor de bens intermediários, de maior peso na indústria, com taxa de 1,8%, registra crescimento há dois meses, período em que acumula expansão de 2,4%. A produção de bens duráveis (2,1%) mantém resultado positivo pelo terceiro mês consecutivo, avançando 6,5% nesse período. No setor de bens de capital, observa-se a primeira taxa negativa desde outubro de 2006 (-0,4%). O segmento de bens de consumo semi e não duráveis, apesar de ter registrado crescimento de 0,7% em fevereiro, voltou a mostrar resultado negativo (-0,4%).

No primeiro trimestre do ano, comparando-se com o mesmo período do ano de 2006, 17 atividades registraram aumento na produção, o que provocou o já mencionado crescimento de 3,8%. A fabricação de máquinas e equipamentos (14,4%) mantém o primeiro lugar no que diz respeito a impacto sobre o índice geral. Outros impactos positivos relevantes sobre o resultado global da indústria vieram de veículos automotores (6,0%), em função da expansão na produção de autopeças e de automóveis, seguido pelo setor de alimentos (4,8%), com destaque para os itens sucos de laranja e carnes de aves. Em sentido oposto, entre as dez indústrias com queda, as que mais pressionam negativamente a taxa global continuam sendo as de material eletrônico e equipamentos de comunicações (-10,9%) e a farmacêutica (-4,8%).

Entre as categorias de uso, confrontando-se com março de 2006, a produção de bens de capital superou em 12,7% a de igual mês do ano anterior, essencialmente pelo crescimento de produtos associados às áreas de informática; transportes (aviões e caminhões); e de máquinas para fins industriais. A produção de bens intermediários e a de bens de consumo duráveis (ambas com 4,8%) também avançam acima do total da indústria, o que se justifica especialmente pelo desempenho positivo de todos os seus subsetores, com destaque para produtos siderúrgicos e automóveis, respectivamente. O setor de bens de consumo semi e não duráveis foi o único que cresceu abaixo da média global (0,6%), devido às pressões negativas vindas dos grupamentos de semiduráveis (calçados) e de outros não duráveis (medicamentos).

Com base na tabela 1 ao lado, pode-se perceber que os índices por categoria de uso confirmam a liderança de bens de capital, que cresce 7,8%, no quarto trimestre, e 14,8%, no período seguinte. Nessa categoria, destaca-se o comportamento favorável dos subsetores de bens de capital para transportes e de bens de capital para fins agrícolas, que reverteram a queda de 1,9% e de 2,2% no último trimestre do ano passado, para uma expansão de 9,5% e 13,1%, nos três primeiros meses de 2007, respectivamente. Os bens intermediários também mostram resultado positivo, porém menos acentuado, entre os dois trimestres (de 2,2% para 3,8%), com destaque para o subsetor de insumos industriais elaborados (de 1,9% para 3,2%). Quanto ao setor de bens de consumo, pode-se dizer que seu resultado não foi tão favorável: bens de consumo duráveis passaram de 4,3%, no último trimestre de 2006, para 2,3%, no primeiro de 2007, influenciado principalmente pelos desempenhos de eletrodoméstico da "linha marrom" (de -3,1% para -24,3%) e de celulares (de 4,3% para -8,9%), enquanto bens de consumo semiduráveis e não-duráveis passam de 2,8% para 1,3%, especialmente em função do grupamento de outros não-duráveis, que passam de 3,8%, no último trimestre de 2006, para crescimento nulo (0,0%), no período seguinte.

**Tabela 1: Indicadores de Produção Industrial por Categoria de Uso Índice Trimestral (base: igual ao trimestre imediatamente anterior)**

Categorias de Uso	2006				2007
	1º Tri	2º Tri	3º Tri	4º Tri	1º Tri
Bens de Capital	9,2	1,3	5,1	7,8	14,8
Bens Intermediários	2,8	0,7	2,6	2,2	3,8
Bens de Consumo Duráveis	14,9	1,3	4,0	4,3	2,3
Bens de Consumo Não Duráveis	4,1	1,5	2,4	2,8	1,3
Indústria Geral	4,6	2,8	2,8	3,2	3,8

Fonte: IBGE.

Em suma, a evolução dos índices nos primeiros três meses de 2007 revela um quadro positivo da atividade fabril. Nas comparações contra iguais períodos do ano anterior, o setor industrial vem sustentando resultados positivos. Outro sinal favorável vem das comparações livres de influências sazonais, onde a indústria geral cresce em março 1,2%, sustentando taxa positiva pelo sexto mês consecutivo, período em que acumula um incremento de 3,6%. Na passagem do quarto trimestre de 2006 para o primeiro de 2007, o ritmo de crescimento passa de 0,9% para 1,2%. Os maiores ganhos entre estes dois trimestres ficam com as indústrias de bens de consumo duráveis (de 0,4% para 4,2%) e de bens de capital (de 3,3% para 6,9%), e, em menor medida, com bens intermediários (de 0,2% para 1,6%). O único setor que destaca um resultado negativo é o de bens de consumo semi e não-duráveis, atingindo 0,3%, no último trimestre de 2006, e não apontando melhoras, neste primeiro trimestre de 2007.

De acordo com opiniões da Fiesp, o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) deve dar uma injeção de ânimo na atividade produtiva industrial em 2007, porque o governo mostra a intenção de dobrar o investimento público comparativamente a 2006 e isso em parte criará demanda de bens do setor.



## Setor Externo

Segundo a Secretaria de Comércio Exterior, a Balança Comercial Brasileira terminou o mês de abril com um saldo de US\$ 4,203 bilhões. Este resultado é considerado um recorde para meses de abril. No período, a corrente de comércio alcançou US\$ 20,695 bilhões, cifra recorde para meses de abril, com aumento de 12,5% sobre igual período do ano anterior. O saldo acumulado no ano de 2007 foi de R\$ 12,986 bilhões (em março foi de R\$ 3,357 bilhões, em fevereiro, R\$2,907 e janeiro, R\$ 2,519 bilhões).

No mês de abril, as exportações somaram US\$ 12,449 bilhões, cifra também recorde dado o mês em questão.

Sobre abril de 2007, as exportações cresceram 14,0% e sobre março de 2007, apresentaram crescimento de 6,2%, pela média diária.

Deve-se registrar que, em abril, os valores de exportação estão acrescidos das operações de exportação realizadas por Declaração Simplificada de Exportação (DSE), com dados atualizados desde dezembro de 1999.

As importações totalizaram US\$ 8,246 bilhões e média diária de US\$ 412,3 milhões. O resultado também é considerado recorde para meses de abril, superando 2006 em 22,5%, em valor, e 10,2%, pela média diária.

A seguir, é apresentado um gráfico que sumariza o resultado da comparação entre o saldo comercial em 2006 e 2007.

Analisando-se o gráfico 7 ao lado, observa-se que a balança comercial registrou saldo de US\$ 4,203 bilhões no mês de abril, com aumento de 25,20% sobre o saldo do mês anterior e de 35,67% em relação ao mesmo mês do ano passado. Foi o melhor saldo mensal no ano, resultado de exportações no valor de US\$ 12,449 bilhões contra importações equivalentes a US\$ 8,246 bilhões (conforme será demonstrado em gráficos ao lado).

No ano, o saldo comercial (exportações menos importações) sobe para US\$ 12,986 bilhões, com crescimento de 4,34%, comparado ao primeiro quadrimestre de 2006, acima de todas as projeções oficiais e do mercado financeiro. O superávit (saldo positivo) é fruto de vendas externas de US\$ 46,451 bilhões no ano, contra compras de US\$ 33,465 bilhões.

Ao lado é exposto o gráfico 8 que mostra o comportamento das exportações e importações brasileiras (nos anos de 2006 e 2007), para que seja possível se fazer uma análise da evolução destas variáveis. A partir da análise gráfica, é possível observar (antes de fazer as análises específicas por setor), que tanto as exportações como as importações cresceram em relação ao primeiro trimestre do ano anterior.

O IPEA destaca o crescimento de pequenas exportações – aquelas de até US\$ 20 mil por operação – realizadas majoritariamente por pequenas e médias empresas. Segundo o Ministério de Desenvolvimento, em 2006, este tipo de exportação totalizou US\$ 337,8 milhões, registrando um aumento de 53% sobre 2005, quando as pequenas exportações totalizaram US\$ 220,8 milhões.

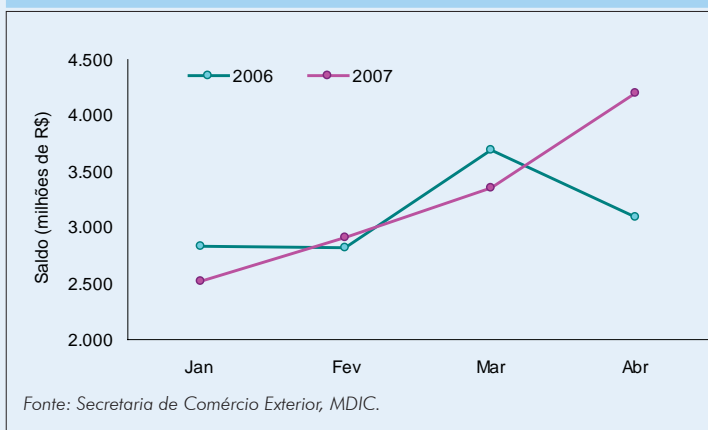
Sobre a análise das categorias de produtos, pode-se dizer que, em 2007 (de janeiro a março), as exportações de produtos semimanufaturados ampliaram-se 20,2% ante o ano anterior, enquanto os produtos manufaturados registraram um aumento de apenas 11,4%. Os cinco principais mercados exportadores em abril foram: os Estados Unidos (US\$ 2,1 bilhões); Argentina (US\$ 1 bilhão); China (US\$ 1 bilhão); Países Baixos (US\$ 704 milhões); e Alemanha (US\$ 641 milhões).

Por outro lado, a rentabilidade das exportações é comprometida pela apreciação cambial. Segundo o IE-UFRJ, a trajetória da taxa de câmbio em janeiro pode ser atribuída a um fator conjuntura. Este fator conjuntural está associado a dólares do câmbio contratado para exportações e pequena queda da demanda por dólares para importações, o que provocou um fluxo comercial positivo acima da média. Nas importações, os destaques nas categorias bens de capital, bens de consumo não-duráveis, bens de consumo duráveis e matérias-primas e produtos intermediários foram, respectivamente: partes e peças para a indústria (89,8%); vestuário e têxteis (71,8%); móveis (61,6%); e produtos alimentícios (27,9%). Os principais países de origem das importações brasileiras foram: Estados Unidos (US\$ 1,4 bilhões); China (US\$ 849 milhões); Argentina (US\$ 732 milhões); Alemanha (US\$ 636 milhões); e Japão (US\$ 359 milhões).

Segundo o IE-UFRJ, apesar de o crescimento das exportações estar concentrado em aumento de preços e de as importações estarem crescendo vigorosamente, as perspectivas para o saldo comercial ainda são bastante favoráveis para este ano.

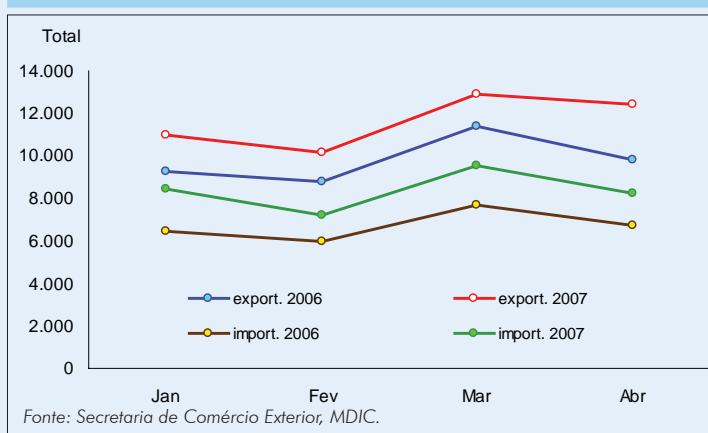
**Saldo Comercial Brasil (1º Tri 2006/2007)**

Gráfico 7



**Exportações e Importações Brasil (1º Tri 2006/2007)**

Gráfico 8



DE - Diretoria de Engenharia  
 DEN - Departamento de Estudos Energéticos  
 Renata Leite Falcão  
 Av. Presidente Vargas, 409 - 10º andar  
 CEP 20.071-003 - Rio de Janeiro  
 Tel.: (21) 2514-6123/Fax: (21) 2514-5948  
 den@eletrobras.com/www.eletrobras.com

**Equipe Técnica de Mercado:**  
 Jorge de Oliveira Camargo,  
 Carina Cavalcante Coelho, Debora  
 Duque Estrada de Albuquerque e  
 Vinicius de Holanda Miranda

edição - Fátima Messeder  
 impresso na gráfica da Eletrobrás